

DEPOIMENTO



1

Só há dias me foi possível ler vários artigos e textos relativos ao cap. frag. ref. António Seixas Louçã e à sua actuação como comandante do N.R.P. "Almirante Gago Coutinho" no dia 25 de Abril de 1974, nomeadamente o que foi publicado nos Anais do C.M.N. e também nos últimos números do boletim da Associação 25 de Abril "O Referencial". Foi com desagradável surpresa e até revolta que constatei a existência das graves acusações que são feitas àquele oficial, não podendo deixar de contestar algumas dessas acusações, tendo em conta não só o conhecimento que tenho do seu comportamento e qualidades verificadas através do prolongado contacto que tive com aquele oficial de marinha, como também, principalmente, por não tolerar injustiças, venham elas de onde vierem.

Num período de cerca de um ano e meio, desempenhei as funções de oficial imediato do N.R.P. "Funchal" sob o comando do então 1º tenente António S. Louçã. Foi um período da minha carreira que muito contribuiu para a consolidação da minha preparação militar e profissional, que lembro com saudades e do qual guardo gratas recordações. Considero que devo isso à conduta exemplar do comandante durante aquele período, conseguindo sempre, principalmente pelo exemplo que dava, inculcar em toda a guarnição do navio um elevado espírito de disciplina, de sentido do dever e de bem servir a Marinha. Oficial extremamente responsável e exigente para consigo e para os seus subordinados, talvez fosse considerado por alguns, pouco interessados e dedicados ao serviço, exageradamente exigente, cumpridor e zeloso. Para mim, isso são virtudes e não defeitos, evidenciadas por todos aqueles que possuem um elevado espírito de missão, invulgar responsabilidade e desejo de bem cumprir e servir.

Pelo que acabo de expôr, não posso entender as acusações que agora lhe são feitas, por serem totalmente antagónicas ao conceito que faço daquele distinto oficial. Dessas acusações contesto energicamente as respeitantes a:

1. Ambiente a bordo:

A bordo do N.R.P. "Funchal", no período atrás indicado, o comandante do navio era muito respeitado pela sua guarnição e considerado por todos como sendo um oficial muito disciplinado, disciplinador, correcto, com grande espíri-

 2

to de missão, dinâmico e batalhador na defesa dos interesses do navio e de todos os que com ele serviam a Marinha. O comandante Louçã proporcionava ainda a existência de um bom espírito de camaradagem entre si e os seus oficiais e sargentos, sendo frequente fazerem-se exercícios no mar no sentido de preparar os oficiais para manobrar o navio e a guarnição para o exercício das suas funções.

2. Aptidão para manobrar com o navio:

Relativamente ao mesmo período o comandante Louçã sempre mostrou possuir grande aptidão para manobrar com o navio, pondo o maior cuidado e interesse não só na sua preparação como também na de todos os intervenientes directos nessas manobras. As suas ordens eram dadas com grande rigor e determinação, mas sempre com serenidade e consciência do seu valor. Raramente eram utilizados rebocadores nas manobras de atracação ou largada para o mar, só em circunstâncias anormais isso acontecia. Por outro lado, nas manobras conjuntas com outros navios era notória a sua habilidade e eficácia, demonstrando sempre ter profundos conhecimentos dos procedimentos navais, quer nacionais quer no âmbito da NATO, conforme foi por várias vezes reconhecido e confirmado.

3. Humanidade e relacionamento com os seus subordinados:

No N.R.P. "Funchal" sempre houve bom ambiente, conforme já foi anteriormente referido e nunca se verificou qualquer acto ou atitude desumana do comandante para com os seus subordinados ou dificuldade de relacionamento. Houve sim uma certa rigidez de princípios e grande exigência no exacto cumprimento do dever e da correcta execução das ordens dadas, pois, no entender do comandante Louçã e de todos os que são responsáveis e cumpridores, só assim o navio poderia cumprir de forma eficiente as missões que lhe eram atribuídas e prestigiar-se a Marinha e aqueles que a serviam. Tais atitudes só serão de elogiar, nunca podendo ser confundidas, em meu entender, com falta de humanidade ou dificuldades de relacionamento com os seus subordinados. O facto de não me lembrar da aplicação de castigos disciplinares durante o período indicado, vem decerto confirmar a existência de um bom ambiente a bordo e de um relacionamento normal entre todos.

Quanto ao que se passou no dia 25 de Abril de 1974 a bordo da fragata "Almirante Gago Coutinho", entendo não dever pronunciar-me sobre o assunto, pois foram feitas oficialmente as necessárias averiguações e dadas publicamente informações várias, embora pessoalmente considere que, na maior parte das vezes, estas informações (interpretações) dispersas foram pouco conclusivas e até contraditórias, não contribuindo para o esclarecimento da verdade. Chamo no entanto a particular atenção para as conclusões do Auto de Averiguações de 1976 do Almirante Santos e Silva e para o texto do coronel Nuno Fisher Lopes Pires "Repondo a verdade: o 25 de Abril e a fragata Almirante Gago Coutinho", publicado no Referencial nº 41 de Out.-Dez. 1995 no respeitante às apreciações feitas à actuação do comandante Louçã.

O presente depoimento é feito de minha livre vontade, não pretendo nele ofender alguém e muito menos pôr em causa a justeza e importância do 25 de Abril e a verdade histórica dos acontecimentos; apenas me moveu a fazê-lo o acentuado espírito de justiça que muito me orgulho de possuir, o meu muito respeito pelo próximo e um grande amor à Marinha que desejo saia sempre prestigiada.

26 de Agosto de 1996



(Jorge Figueiredo de Carvalho)

Cap. m. g. reformado